



## DA SEMIÓTICA CAPITALISTA À ESTÉTICA ESQUIZOPOLÍTICA: GUATTARI E O LUGAR DA INVENÇÃO DE SI MESMO NA MICRORREVOLUÇÃO DO DESEJO<sup>1</sup>

**Alexandre Filordi de Carvalho**  
**Doutor em Filosofia (USP) e Educação (UNICAMP)**  
**Professor do Departamento de Filosofia (UNIFESP)**  
**Email: [filordi.carvalho@unifesp.br](mailto:filordi.carvalho@unifesp.br)**

**RESUMO:** O artigo tem por objetivo analisar como a estética contemporânea é produzida pela semiótica da máquina capitalista. Ao fazer isto, evidencia-se a homogeneidade estética relacionada às estratégias de modelização subjetiva decorrente da produção subjetiva da máquina capitalista. Buscar outro tipo de experiência estética, neste contexto, é o objetivo de uma estética esquizopolítica. Para tanto, o artigo procura definir o que é uma estética esquizopolítica, uma vez que ela se relaciona com a invenção de si mesmo enquanto afirma a microrrevolução do desejo como modo de cortar os fluxos de modelização estético-subjetivos. Parte-se do pensamento de Guattari como chave analítica e problematizadora.

**PALAVRAS-chave:** Semiótica capitalista; estética esquizopolítica; microrrevolução do desejo; Guattari.

**ABSTRACT:** The article aims to analyze how the contemporary aesthetics is produced by the semiotics of the capitalist machine. When doing this, it's highlights the aesthetic homogenesis related to the strategies of subjective modelling arising from the subjective production of the capitalist machine. Search another kind of aesthetic experience in this context is the goal of a schizopolitic aesthetics. In order to do that, the article defines what is a schizopolitic aesthetic, since it relates to the self-invention while affirming the micro-revolution of desire as a way to cut the aesthetic-subjective modelling flows. The point of departure is the Guattari's thinking as an analytical and problematizing key.

**KEYWORDS:** Capitalist semiotics; schizopolitic aesthetics; micro-revolution of desire; Guattari

---

<sup>1</sup> Este artigo compõe projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processo 16/05440-7.

*Ela o levou aos limites da fúria dos sentidos*  
Bataille (2003, p. 78)

## Questões iniciais

Em *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*, Goethe projetou uma crítica aos ideais burgueses estético-pragmáticos por intermédio dos quais também se respaldava a formação unilateral do indivíduo, em detrimento de uma formação multilateral. Goethe, talvez, prenunciava as estratégias reducionistas de captura das experiências estéticas vislumbradas ulteriormente nos valores da sociedade capitalista. É assim que Lukács entendeu ao escrever sobre *Goethe und seine Zeit* – Goethe e seu tempo. Para ele, *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister* demarcou algo muito precioso:

A crítica à burguesia não é aqui apenas crítica a uma pequenez e estreiteza especificamente alemãs, mas também e ao mesmo tempo, uma crítica à divisa capitalista do trabalho, à excessiva especialização do ser humano, ao aniquilamento do homem por essa divisão do trabalho. (LUKÁCS, 2009, p. 584)

Faz sentido, assim, o fato de *Wilhelm Meister* perseguir a sua formação apenas agindo, isto é, empreendendo sobre si mesmo uma série de experiências capazes de confrontá-lo com o ponto no qual se encontrava em seu contexto vivencial, permitindo-se romper com qualquer situação limitada, já que “uma vida ativa leva a tantos acontecimentos.” (GOETHE, 2009, p. 337)

Os tantos acontecimentos, porém, que se voltavam para a formação estética ativa de *Wilhelm Meister* não confluíam para os tantos acontecimentos dos formalismos sociais, de seus vínculos utilitaristas e alienantes. O que estava em questão era ativar uma série de experiências com a potência necessária para constituir a sua própria dimensão de sujeito de ação, portanto, dimensão subjetiva, coextensiva à constituição de uma estética da existência pertencente tão somente a ele. Para tanto, era preciso ser confrontado com o seguinte diagnóstico: “Tão propenso anda o homem a dedicar-se ao que há de mais vulgar, com tanta facilidade se lhe embotam o espírito e os sentidos para as impressões do belo e do perfeito, que por todos os meios deveríamos conservar em nós essa faculdade de sentir.” (GOETHE, 2009, p. 278)

Conservar a faculdade de sentir é uma exigência das multiplicidades de acontecimentos que a arte, sobretudo o teatro, seria capaz de produzir para *Wilhelm Meister*, e que deveria ser atualizada como problematização contemporânea. De fato, na medida em que as experiências sensíveis são reduzidas a um conjunto homogêneo de percepção e de afetação, condicionadas a um serialismo repetitivo de padrões estéticos, pode-se afirmar que as condições para a disseminação da vulgaridade encontram-se forjada. Inspirado em Goethe, pode-se dizer que o homem propenso ao que há de mais vulgar é aquele dotado de canhestra experiência sensível, cujo o espírito, aqui entendido como consistência estética da formação de sua subjetividade, não consegue ir além do gosto comercializado, dos signos negociados pelos modismos, dos valores entabulados pela indústria cultural, dos fetiches arrendados na monoperceptividade reduzida às igualdades dos moldes sociais reguladores das emoções.

Tal diagnóstico coincide com a deflagração vulgar de uma estética maquinada na sociedade capitalista contemporânea. Estética cujas formas sobrecodificam e descodificam os seus sujeitos por intermédio da produção de fluxos de dispositivos técnico-semióticos que funcionam como campo de autorreferência para a composição dos gostos, dos juízos acerca do belo, da composição subjetiva de si mesmo amalgamada por uma usinagem de modelização afetiva e perceptiva, sempre distribuída numa complexa máquina de fazer valores estéticos negociáveis conforme o padrão capitalista.

Levando em consideração o pensamento de Guattari (1985a, 1985b, 2002, 2004, 2011, 2015, 2016), em maior grau, e o de Deleuze e de Guattari em *Capitalismo e Esquizofrenia I* (2010), em menor grau, o artigo tem por objetivo investigar o lugar da semiótica capitalista na produção de componentes estéticos cuja consequência marcante é a produção de modelização de subjetividade aderente à própria demanda capitalista. Tal diagnóstico, suscita uma investigação acerca de se pensar na direção contrária de tal modelização. Como se verá, a esquizofrenia, neste sentido, será tomada como marca exterior ao limite capitalista, ou seja, como um corte nos signos condicionantes dos territórios existenciais da máquina capitalista. Por isto mesmo, o texto se propõe a pensar uma dimensão estética voltada para a afirmação de uma esquizopolítica da existência como lugar da invenção de si mesmo. A partir de tal estética esquizopolítica, presume-se ser possível não apenas colocar em questão as modelizações subjetivas eivadas de experiências estéticas vulgares, como é próprio da contemporaneidade.

Para tanto, o texto compreende dois movimentos. O primeiro movimento, denominado de *Máquina capitalista e homogênesse estética: a modelização subjetiva em questão*, investiga a composição da sociedade contemporânea por intermédio da máquina capitalista. Para o que interessa ao texto, busca-se mostrar que a máquina capitalista produz incessantemente uma mesma homogênesse estética cujo objetivo precípua é modelar a percepção e os sentidos de seus sujeitos. O segundo movimento do texto se consagra a conceituar o que é a estética esquizopolítica e a sua relação com a invenção de si mesmo como componente indissociável da microrrevolução do desejo. Pensar o alcance das consequências de uma estética esquizopolítica é o que as considerações finais intentam.

### **Máquina capitalista e homogênesse estética: a modelização subjetiva em questão**

A extensa produção acerca do entendimento, da análise e das consequências da truncada complexidade do capitalismo na sociedade contemporânea pode ser exemplificada em um vasto conjunto de pesquisas. (BOLTANSKI; CHIAPPELLO, 2009; PIKETTY, 2014; LAZZARATO, 2011, 2014a; SENNETT, 2011; STENGERS, 2015). Sob cada variação analítica, de um lado, encontra-se um esforço de diagnóstico e de crítica aos efeitos deletérios presentes nas relações sociais, em virtude das consequências vertiginosas da mobilidade predatória do capitalismo baseado em lucros e rendimentos, capazes de aprofundar, cada vez mais, o fosso social existente entre herdeiros e despossuídos do mercado. De outro lado, a mesma variação analítica se esforça para ensaiar algum tipo de mobilização do pensamento e das ações, com os quais os sujeitos históricos pudessem inventar novos valores e territórios existenciais com o intuito de fazer estancar, senão reverter, esta ordem social absolutamente perversa.

Assinala-se, assim, para o cuidado necessário a respeito das opções existentes no tratamento heterogêneo destinado a qualquer questão correlacionada ao capitalismo. Múltiplas entradas neste campo permitem múltiplos trânsitos e distintas saídas. Desta maneira, atentar para os contextos analíticos é resguardar os limites de suas opções e de seus alcances, evitando um jogo reducionista a desqualificar e a desabonar outras análises. É sob tal horizonte que a opção pelas investigações de Guattari e aquela em conjunto com Deleuze deve ser, neste artigo, situada, acolhida e desdobrada.

A partir do empreendimento díptico *Capitalismo e Esquizofrenia*, Deleuze e Guattari (1980, 2010) conceberam uma concepção singular acerca do capitalismo. De modo nada sistemática ou linear, vê-se surgir pouco a pouco uma abordagem que procurava se distanciar das recepções marxistas de até então. Abandonando os feixes analíticos ao redor de temáticas tais como ideologia, modos de produção, relações entre infra e superestruturas, os autores apostaram na criação conceitual própria para fazer operar uma compreensão idiossincrática da sociedade capitalista. Em torno da concepção de máquina capitalista uma pletora de outras noções foram articuladas para trazer à tona o diagnóstico de que a emergência da sociedade capitalista, tal como a conhecemos, é muito menos fruto de uma Revolução Capitalista datada. Todavia, tal sociedade é muito mais uma confluência de outras pequenas máquinas capazes de se acoplarem a fim de produzir, cortar, canalizar, distribuir e fazer operar valores, crenças, linguagens, costumes, comportamentos, comércios simbólicos de todos os tipos, além de amplos e variados componentes de formação subjetivas<sup>2</sup>. Por exemplo, há um *quantum* de religião no capitalismo; nele há também um lastro arcaico de fé e de promessa; um empreendimento capitalista não obtém o seu sucesso sem uma máquina publicitária, que não se compõe se não for capaz de mobilizar os sentidos das pessoas ou de convencê-las. A máquina capitalista, nos comentários de Carvalho e Camargo (2015, p.111), é “o efeito primordial de cada máquina convocada a operar na consolidação da grande máquina capitalista”, ensejando um certo tipo de vinculação da “ordem das coisas, dos indivíduos e dos coletivos, das funcionalidades de seus elementos e da dedução útil de suas potencialidades”.

A ordem social dominante, com efeito, pode ser entendida por aquela que ativa e opera conexões cujas máquinas confluem para a ampla sujeição social experimentada em larga escala e em forte intensidade. Nenhuma máquina, contudo, é uma metáfora, porém, um operador concreto de cortes. Toda máquina é um modo de acoplar, de fluir e de organizar o que será considerado por produtivo e aceitável sob o arranjo escalonado

---

<sup>2</sup> Ao longo da extensa obra de Guattari e daquela produzida com Deleuze, especialmente *Capitalismo e Esquizofrenia*, pode-se notar a complexidade e o vasto alcance que o conceito de máquina ocupa e, sobretudo, o de máquina capitalista. Impossível neste artigo situar tal complexidade. Apenas vale dizer, *grasso modo*, que o capitalismo é efeito produtivo de subjetividade eivado do capital como operador semiótico. O capital, em tal registro, possui uma semiótica significante, a partir da linguagem, da representação, da comunicação, etc.; mas também o capital possui uma semiótica a-significante, como índices do mercado de ações, moedas, cálculos matemáticos, etc., ou seja, tudo o que não tem por referente o sujeito. A sujeição social capitalista está para a semiótica significante enquanto a servidão maquínica está para a semiótica a-significante. Apesar de ter feito a opção por não desenvolver tais questões neste artigo, apenas indico tal perspectiva para assinalar os limites que uma opção analítica aqui se impõe e como outras entradas analíticas também são possíveis.

da própria organização da máquina capitalista. É por esta razão que Guattari (2004, p. 81) considerou que “o que importa à ordem social dominante é que o modelo tenha condições de funcionar na sociedade atual”. Em outros termos, a máquina capitalista é dominante porque ela sistematiza um conjunto de máquinas técnicas como os computadores, os carros, os celulares, etc.; máquinas sociais, como escolas, instituições correcionais, hospitais, etc.; máquinas abstratas, como as línguas, as leis, a literatura, etc., a fim de produzir condições modelares das subjetividades que sejam dominantes. Consoante a tal conjuntura, Lazzarato argumenta que:

O capitalismo se define em princípio como uma máquina social, uma megamáquina onde, entre o humano e o não humano, entre o homem e a máquina, entre a organização e a técnica, existe, não uma ‘cortina de ferro ontológica’ separando o objeto do sujeito, mas comunicação, recorrências, reversibilidade. (LAZZARATO, 2014a, p.68)

Ora, a concepção de capitalismo, como se vê, é coextensiva à ideia de máquina capitalista. Uma definição possível, então, surge para o capitalismo. Conforme sustentavam Deleuze e Guattari:

Se o capitalismo é a verdade universal, ele o é no sentido em que é o *negativo* de todas as formações sociais: ele é a coisa, o inominável, a descodificação generalizada dos fluxos que permite compreender *a contrario* o segredo de todas essas formações; antes codificar os fluxos, ou até mesmo sobrecodificá-los, do que deixar que algo escape à codificação. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 204)

Depreendem-se três considerações, no mínimo, a partir do substrato acima. Em primeiro lugar, considera-se que o que condiciona o capitalismo como verdade universal é o fato de ele operar uma negatividade nas formações sociais. Implica dizer que as formações sociais, desde as suas mais incipientes singularidades ou tentativas para se consolidarem contra a lógica de mercado, sofrem constantes cortes que barram as suas autonomias. As formações sociais na sociedade capitalista são controladas *ab ovo*. Toda e qualquer formação social deverá, por conseguinte, resultar no pressuposto de solidificação do próprio sistema capitalista. A ideia de Guattari (2004) a sustentar que o capitalismo é antiprodução, ideia retomada em conjunto com Deleuze (2010), vai nesta direção. Implica dizer que o capitalismo difundido pela máquina de Estado serve para estancar e interditar a emergência de qualquer processo de desarranjo, de contestação e de insurgência capazes de abalar a integridade do sistema.

Assim, pode-se compreender por sistema capitalista, em segundo lugar, as estratégias organizadas e sincrônicas por intermédio das mais distintas máquinas cujo objetivo precípua é o de codificar e sobrecodificar. Codificar significa engendrar um

signo transmissível de valor, uma axiomática inscrita nos componentes subjetivos: o que é pensar, o que é sentir, o que é escrever, o que é ter sucesso, o que é ser normal? Codifica-se quando se cria um território, uma circunscrição existencial para um objeto, uma pessoa. Cada código é um fluxo de onde se extrai sentido, que permite visibilidade e opera o jogo da verdade do reconhecimento. A máquina capitalista codifica quando anuncia quem é o trabalhador produtivo, assim como a máquina universitária replicará o código do produtivismo capitalista ao figurar os condicionantes sociais capazes de balizar quem é o pesquisador produtivo. Mas quando a máquina capitalista codifica, ao mesmo tempo, ela sobrecodifica. A sobrecodificação é a autorreplicação do código como decalque generalizado nas formações sociais, espécie de reterritorialização do código ou apenas um modo de absolutizá-lo. Na sociedade capitalista, por exemplo, o plano subjetivo está sobrecodificado em uma permanente dívida, fruto não apenas derivado das engrenagens do governo pela dívida (LAZZARATO, 2014a), mas de uma dívida da existência: “a dívida devém *dívida da existência*, dívida da existência dos próprios sujeitos. Vem um tempo em que o credor nada emprestou ainda, ao passo que o devedor não para de pagar, porque pagar é um dever, mas emprestar é uma faculdade” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 262, grifos originais). O indivíduo deve ao próprio corpo que precisa ser aperfeiçoado; ele deve à sua saúde, sempre abaixo do crédito ideal; o indivíduo deve à sua formação escolar a mais-valia inatingível – ele vive em tempos de formação continuada; mas ele também deverá a si mesmo o acesso constante ao fundo inacessível do seu ser – sujeito psicanalisado, psiquiatrizado. Eis o sujeito sobrecodificado, portanto, pela dívida.

Na sociedade capitalista, entretanto, nem codificação nem sobrecodificação são possíveis sem a descodificação. Assim, quando Deleuze e Guattari mencionaram, como citado anteriormente, que o capitalismo é a coisa, o inominável, a descodificação generalizada dos fluxos que permite compreender *a contrario* o segredo de todas as formações sociais, o fazem porque o capitalismo foi capaz de compreender os códigos originais de uma formação social e traduzi-los, na medida que os destruía por completo, conforme a eficiência de suas máquinas. Descodificar, a partir de então, é desterritorializar, tirar do lugar, produzir deslocamentos sociais constantes e irreparáveis: fascismos das imigrações forçadas, aniquilações das microssociedades de autossustentação, fusões empresariais, desflorestamentos mentais, estéticos e ecológicos, escoamento do capital volátil pela monetarização codependente das Bolsas de Valores, dissolução as línguas ancestrais. Nas formas de descodificação não existem

certezas para as formações subjetivas, pois cada sujeito experiencia uma deriva caótica destrutiva, ou melhor, nihilista, uma vez que a descodificação bloqueia a afirmação do campo do desejo revolucionário, desejo pelo qual fosse possível afirmar “todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção do mundo, outros sistemas de valores.” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p.261)

Modelar, entendido como processo de sujeição social e de servidão maquínica, é a operação extraída da dissolução dos códigos sociais, estéticos, linguísticos e de técnicas arcaicas ou tradicionais, mas também dissolução de valores políticos anticapitalistas e do extermínio de coletivos capazes de afirmar o campo do desejo. Os processos de modelagem descodificam o tempo todo os territórios existenciais que tentam apostar, seja por intermédio da afirmação de uma subjetividade ativa e singular, individual ou coletivamente, em experiências sócio-políticas deslocadas ou contrárias ao assujeitamento social. Encontra-se aí o sentido do diagnóstico de Deleuze e de Guattari (2010, p. 300) ao afirmarem que o capitalismo é a idade do cinismo. “Esta idade do cinismo é a da acumulação do capital, dado que este implica o tempo, precisamente para a conjunção de todos os fluxos descodificados e desterritorializados”. Significa dizer que os sujeitos são modelados, desde a infância (GUATTARI, 1985a), numa série ininterrupta de iniciação sobrecodificante e descodificante, a confluir suas potencialidades subjetivas para o acúmulo utilitarista e pragmático do capital. Temporalidade, espacialidade, subjetividade são os fluxos visados nas iniciações capitalistas. O cinismo repousa, assim, na consolidação descodificante de qualquer ação ou mobilização contrária ao ordenamento sistemático das funções sociais capitalistas. Em tal situação, os sujeitos creem ser livres para escolher quando na verdade são teleguiados o tempo todo pelos fluxos de descodificação de seus desejos. O cinismo é o arranjo da autoaceitação do sujeito na tarefa de reproduzir os assujeitamentos sociais do capitalismo. A precisa ponderação de Lazzarato ajuda a esclarecer tal aspecto:

O capitalismo se trai num cinismo duplo: o cinismo “humanista” de atribuir a nós uma individualidade de papéis preestabelecidos (trabalhador, consumidor, desempregado, homem/mulher, artista etc.) nos quais os indivíduos são necessariamente alienados; e o cinismo “desumanizante” de nos incluir num agenciamento que não faz mais distinção entre humano e não humano, sujeito e objeto ou palavras e coisas. (LAZZARATO, 2014b, p. 18)

A produção social deste duplo cinismo, todavia, está condicionada às longas estratégias das máquinas de produção de modelagem social. A idade do cinismo

também é a idade do pleno funcionamento sincrônico de tais máquinas. Por intermédio delas, revogam-se as marcações autóctones e particulares dos processos de singularização, pois toda iniciação ao sistema capitalista haverá de autorreferenciar o próprio sistema. É assim que “tudo o que é do domínio da ruptura, da surpresa e da angústia, mas também do desejo, da vontade de amar e de criar, deve se encaixar de algum jeito nos registros de referências dominantes” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 52). Por conseguinte, as máquinas de modelização devem operar no âmbito universal, concatenando as zonas de enquadramento e de referenciação, sempre operando uma espécie de “arranjo que tenta prever tudo o que possa ser da natureza de uma dissidência do pensamento e do desejo” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 52).

As modelizações sociais estão à serviço da idade do cinismo. Modelar é um jogo de *inputs* e de *outputs* de referentes de valores, a própria axiomática capitalista, carregados por formas e por conteúdos transmitidos por uma combinação de signos dirigidos para a produção da subjetividade predeterminada, ou seja, condicionada aos movimentos descodificadores dos processos de singularização. Para tanto, conforme sustenta Guattari (2011; 2015), há uma pluralidade de semióticas dominantes, entendendo semiótica como o fluxo manifesto de qualquer signo sob o qual há uma pressuposição recíproca de expressão-conteúdo. Assim, as semióticas econômicas valem-se de uma conjugação de signos que expressam os seus instrumentos monetários, financeiros, contábeis; as semióticas jurídicas formalizam os modos pelos quais passam a valer expressão e conteúdo de títulos de propriedades, de legislação, de regulamentos diversos; as semióticas técnico-científicas conjugam as formas de como os conteúdos dos programas científicos são validados, bem como as pesquisas, os estudos; as semióticas de subjetivação, por sua vez, além de coincidir com as anteriores, operam os aferentes (*inputs*) e os eferentes (*outputs*) de como a relação dos sujeitos com as imagens, a comunicação midiática, a arquitetura, o urbanismo, os equipamentos coletivos os iniciam nos valores capitalistas, produzindo para eles um tipo determinado de sensibilidade e de sociabilidade. Um bom exemplo de como a semiótica subjetiva inicia os sujeitos, desde a infância, nos fluxos semióticos de modelização é encontrado em uma extensa, mas valiosa argumentação de Guattari:

Como evitar que as crianças se prendam às semióticas dominantes ao ponto de perder muito cedo toda e qualquer verdadeira liberdade de expressão? Sua modelagem pelo mundo adulto parece efetuar-se, de fato, em fases cada vez mais precoces e de seu desenvolvimento, especialmente por meio da televisão e dos jogos educativos. [...]

Trata-se pois de uma iniciação ao sistema de representação e aos valores do capitalismo que não mais põe em jogo somente pessoas, mas que passa cada vez mais pelos meios audiovisuais que modelam as crianças aos códigos perceptivos, aos códigos de linguagem, aos modos de relações interpessoais, à autoridade, à hierarquia, a toda a tecnologia capitalista das relações sociais dominantes.<sup>3</sup> (GUATARRI, 1985, p. 51)

A esta altura, pode-se argumentar que a dimensão estética presente na sociedade capitalista é um intensificador do amplo conjunto de semióticas nela presente. A modelagem subjetiva ecoa os acordos personificados na economia das imagens, dos sons, da comunicação massiva, valendo-se de uma miríade de máquinas técnicas, sociais, abstratas, todas elas conexões da máquina capitalista, a fim de garantir a estetização da existência cuja descodificação é produzida, organizada, conectada, distribuída, consumida e avaliada conforme um valor estético estereotipado. Pode-se dizer que a estética contemporânea, neste registro, possui uma homogeneidade imanente às estratégias de dominação do capital: o cultivo do consenso inclusive nos modos de expressão, de sentir, de se sensibilizar, de afetar e de ser afetado – no sentido dos afetos –. Isto significa pensar dois fluxos.

Há um fluxo da homogeneidade da estética capitalista que é o plano de sua emergência, isto é, os seus referentes homogêneos produzidos pela máquina capitalista a fim de tudo dar referência, ponto de partida idealizado, marco zero das iniciações otimizadas pela mais-valia dos ordenamentos, dos consensos, espécie de maciço intransponível de onde sempre se parte. O referente da homogeneidade estética é o mesmo de uma subjetividade capitalista:

A subjetividade capitalista, tal como é engendrada por operadores de qualquer natureza ou tamanho, está manufaturada de modo a premunir a existência contra toda intrusão de acontecimentos suscetíveis de atrapalhar e perturbar a opinião. Para esse tipo de subjetividade, toda singularidade deveria ou ser evitada, ou passar pelo crivo de aparelhos e quadros de referência especializados. (GUATTARI, 2015, p. 33)

Mas há também os referentes estéticos das semióticas capitalistas, ou seja, há o fluxo de chegada que nunca é um ponto final, mas apenas transição para outra transição, consumo do consumo de imagens, por exemplo, pois tal chegada já insinua a próxima

---

<sup>3</sup> Faz-se notar que o texto de Guattari é, originalmente, de 1977. Interessante notar a potência atual de suas considerações quando vivemos na época das “mídias desibinidoras”, no diagnóstico de Sloterdijk (2012). As mídias desibinidoras estão voltadas à liberalização dos impulsos domesticadores em favor de uma bestialização, ou seja, de uma banalização de forças violentas, intolerantes e aniquiladoras de um “estar-à-escuta-do-que-se-passa-ao redor” (SLOTERDIJK, 2012, p. 28). Com relação a uma atualização da problematização da cultura de modelagem social por imagens, ver: CARVALHO, LEITE (2017).

descodificação. Não apenas a obsolescência encontra aí o seu paroxismo, porém, o sujeito social também se vê lançado em um buraco negro que a tudo draga. Para tal sujeito, nenhuma de suas competências, nenhum de seus domínios técnicos, de sua visão de mundo consolidada por uma tradição, nenhum patamar de sua educação formal e de seu compromisso em inserir-se no mercado de consumo, dar-lhe-ão garantias de realização. Cada sujeito vagueia de uma descodificação a outra, modelando-o para a aceitação da experiência do estar-perdido-desde-si-mesmo.

A estética capitalista, portanto, possui uma dupla força em sua homogeneidade. Desde onde se parte até aonde se conduz, o seu pressuposto é sempre o da modelagem. Toda uma série de produção das modalidades de percepção, de atenção, de sensação, de visão da “realidade”, de pensamento, de afetação é devedora de um intensificador estético cujo estofo e realização é o da servidão maquínica. E é nesta conjuntura que a estética capitalista deve ser questionada, já que, como bem explica Lazzarato:

A servidão maquínica ativa forças *pré-pessoais*, *pré-cognitivas* e *pré-verbais* (percepção, sentido, afetos, desejo) tanto quanto forças *suprapessoais* (máquinas, linguísticas, sociais, midiáticas, sistemas econômicos, etc.), as quais, indo além do sujeito e das relações individuadas (intersubjetividade), multiplica ‘os possíveis’. (LAZZARATO, 2014b, p. 32)

### **Estética esquizopolítica: o lugar da invenção de si mesmo na microrrevolução do desejo**

Uma vez que o capitalismo agencia vários operadores semióticos, não se pode esperar dele máquinas de produção estética que não façam cumprir as funcionalidades e as aplicações de modelagens subjetivas ao longo do tecido social. Se a experiência estética, de modo mais direto ou indireto, é componente indispensável à formação da sensibilidade humana, um intensificador de suas percepções sem as quais não se transita e nem se constitui subjetivamente no tempo e no espaço, a estética capitalista busca reduzir e localizar sensibilidades e percepções nas linhas de controle de seus empreendimentos modelares.

Há uma ação política em tal conjuntura, pois sentir e perceber são funções atinentes e próprias a ação humana. A máquina capitalista, assim, engendra todo tipo de controle sobre os componentes semióticos, pois sentir e perceber livremente seria uma constante ameaça às suas injeções de representação estética a inocular, se o oximoro

permitir, uma sensibilidade que dessensibiliza, uma percepção que não faz perceber: tudo deve recair no jogo violento da reprodução. Tanto é que os termos de Guattari não deixam margem às dúvidas:

A ordem capitalista pretende impor aos indivíduos que vivam unicamente num sistema de troca, uma traduzibilidade geral de todos os valores para além dos quais tudo é feito, de modo que o menor de seus desejos seja sentido como associal, perigoso, culpado. (GUATTARI, 1985b, p.202)

O que se precisa ter em mente é que a dimensão estética da subjetividade no capitalismo é produzida como um produto qualquer. A linguagem codificada MP3, aplicada à música, não é apenas uma codificação perceptual, um método técnico-científico capaz de utilizar e de manipular as frequências sonoras que são captadas pelo ouvido humano, reduzindo ruídos desnecessários, a fim de compactar um arquivo musical. Tal código descodificou um modo histórico-social inteiro de como se ouvia música e com ela se relacionava socialmente. Por sua vez, produziu-se outro tipo de relação subjetiva com a música: comportamentos de audição doravante prefigurados no solipsismo, numa espécie de reducionismo egoísta, no lugar da partilha social, por exemplo, presente no convívio coletivo com a música, tal como era na ópera, no teatro, nos espetáculos. Mas também aí encontra-se a descodificação desterritorializante do sujeito ouvinte, que leva consigo, deslizando-se na invisibilidade social, a própria música; música igualmente desterritorializada, captada *on cloud*, trafegada no não-lugar, este ciberespaço como virtualidade impreenchível.

Como se vê, no exemplo acima, há um modo de se produzir um sujeito “ouvinte” da música. Tal produção politiza a sua percepção e a sua sensibilidade, claro está, orquestrada com a máquina técnica, a máquina abstrata do código musical, mas também a máquina social de isolamento do sujeito. Com relação a este último aspecto, é curioso notar como a dissolução dos engajamentos políticos ousados, das forças utópicas presentes no final do século XIX e no início do século XX<sup>4</sup>, algo tão característico da contemporaneidade, ou melhor, da idade do cinismo, faz-se coincidir com a cultura *headphone*. Coincidência aparente, pois há um encontro de fluxos de modelização subjetiva que é, a bem da verdade, forjado, tramado, maquinado, distribuído, consumidos igualmente ao longo de toda variação da cadeia produtiva de

<sup>4</sup> Esta passagem é inspirada no diagnóstico de Lazzarato (2011, p. 28) acerca do governo das desigualdades pelo governo das condutas, inspirado na analítica foucaultiana: “O governo das condutas é um conjunto de técnicas cujo objetivo é a neutralização e a despolitização da ‘política revolucionária’ construída entre o final do século XIX e o começo do século XX, política que soube inverter essas desigualdades em um combate ‘até a morte’ entre ‘os operários’ e os ‘capitalistas’.”

homogeneização das competências semióticas dos sujeitos. A estética capitalista, com efeito, não tolera circuitos de sensibilização fora das univocidades de expressão de suas máquinas, fora dos seus rituais de iniciação à modelagem sensível e perceptiva. É por intermédio de suas conexões conjuntivas – um certo então tem de ser assim – que as semióticas capitalistas paralisam os fluxos estéticos que seriam “capazes de alucinar a história, de delirar as raças, de inflamar os continentes” (DELEUZE; GUATARRI, 2010, p. 144). Reconhecer e ser reconhecido nos mesmos componentes semióticos, eis a estratégia. “Aceite – e você é são – / Objeto – é perigoso – / E merece uma Algema –”, na precisa formulação poética de Emily Dickison (2008, p. 63).

Mas é em defesa de uma estética do risco, quer dizer, em defesa de experiências do sentir e do perceber fora do arrimo do sistema de redundâncias dominantes, que a recusa a todo o sistema de modelização semiótica deve operar. Arriscar-se, neste sentido, implica na criação de estratégias não apenas contestatórias da máquina capitalista, entretanto, envolve o desmanche de suas engrenagens, de suas conexões; implica um corte no fluxo de suas verdades e na sabotagem de sua energética, mantida pelos mecanismos de sujeição social e de servidão maquínica. No risco ainda está a ousadia, a coragem virtuosa da confrontação e a astúcia criativa contra as algemas de subjetivação. Para tanto, se é compelido a inventar tudo, a criar, a assumir perigos, a arriscar-se, a produzir a produção estética contramodelagem. Eis o lugar da estética esquizopolítica.

Compreende-se por estética esquizopolítica toda e qualquer experiência do sentir e do perceber que, afirmando um território existencial da sensibilidade e da percepção para além das consistências semióticas da máquina capitalista, coloca toda homogeneização estética em cheque. Na estética esquizopolítica, a subjetividade emerge provocando cisões, rupturas, descontinuidades nas estratégias de modelização dos gostos, das expressões, dos sentires, dos prazeres, dos gestos, dos comportamentos, das fluidez das réplicas exatas, das reconciliações dos consensos, das convenções aportadas nos mesmos conteúdos. A estética esquizopolítica é anúncio, ação e afirmação do desejo cindido (*schizê*) e que faz cindir. Na proposta de Guattari (2004, p. 238), os sujeitos da estética esquizopolítica são capazes de maquinar e de se fazerem máquinas com a “ruptura potencial de cadeias significantes ‘capazes de tudo’”; eles também podem, inclusive, “liberar a energia ligada nos violentos, nos loucos e outros possessos, que farão estragos nos jardins organizados da consciência e da ordem social”.

Mas a questão de fundo a tocar a dimensão estética da existência esquizo diz respeito à sua correlação com a política, pois são ações humanas que estão em jogo e que são convocadas a se afirmarem por intermédio de outros sentires e de outros perceberes. Na estética esquizopolítica, sob os termos de Lazzarato:

A ação política deve, portanto, ser concebida de maneira nova, pois ela deve operar de imediato contra a sujeição e a servidão, recusando a injunção que esta promove para que ocupemos certos lugares e papéis na distribuição social do trabalho, ao mesmo tempo que constrói, problematiza e reconfigura o agenciamento maquínico, ou, em outras palavras, cria um mundo de possibilidades. (LAZZARATO, 2014b. p. 38)

Se a subjetividade é predeterminada na máquina capitalista, a estética esquizopolítica contraflui aos seus pré-determinismos. Não há nem subjetividade nem sujeito predeterminados. A inventividade de tal estética é consoante à inventividade de si mesmo, entendendo por si mesmo o território existencial possível com o qual o campo do desejo pode ser afirmado, o que já faz, por si só, um conector real de microrrevoluções. A microrrevolução é a circunscrição da intensidade do desejo. A revolução é menor, micro, não porque não importa ou não tenha visibilidade, mas porque tem a potência perfurante capaz de atravessar os muros da paralisia dos processos de singularização e dos mesmos significantes a perpetrar os arranjos sociais desde a homogeneidade estética. Contra a dissipação da força revolucionária do desejo, a máquina capitalista catalisa toda tentativa de eliminar, como diziam Guattari e Rolnik (2005, p.52), “tudo que surpreende, ainda que levemente”. A microrrevolução, assim, engendra no lugar do enquadramento, da referenciação semiótica modelar, do viver possível pré-estruturado, um outro tipo de inominável: uma vida de intensa capacidade de afirmar a invenção do desejo como outra forma de viver, em todos os níveis e em todas as esferas dos componentes dos territórios existências. Trata-se, por conseguinte, de milhares de possibilidades de microrrevoluções do desejo, um esquizofrenizar no sistema e um esquizofrenizar o sistema. Não é à toa que no volume primeiro de *Capitalismo e Esquizofrenia, O Anti-Édipo*, encontramos a ideia de que esquizofrenizar é “reencontrar em toda parte a força das produções desejanter” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.75). Tais forças são temidas por toda sociedade acomodada às modelizações, pois o desejo *per se* já é revolucionário, “só por querer aquilo que quer” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 159). A invenção de si é coextensiva ao desejo porque ele não para de “reinjetar a singularidade, o imprevisto, e até o não-sentido.” (GUATTARI, 2004, p. 263)

Como se vê, em cada possibilidade de manifestação da estética esquizopolítica ocorre a emersão de um ponto de inflexão aos consensos, aos valores estéticos equivalentes nos dispositivos técnico-semióticos, programados para inocular paralisia e apatia, ou ainda, para decalcar na subjetividade os códigos aceitáveis pela filtragem social dominante acerca do desejo. Não é que não se deseja na sociedade capitalista, deseja-se, e muito, mas apenas conforme a sua programação e maquinaria de desejo. E é aqui que é preciso se esquizofrenizar, ou seja, sair da subjetividade predeterminada, produzir para si mesmo outro território existencial, outra estética da existência; assumir um corte fluxo-esquizo, pois no sentido que o texto aqui assume, “a esquizofrenia não é a identidade do capitalismo mas, ao contrário, sua diferença, seu desvio e sua morte.” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p.327)

É para desordenar o teatro da representação estética que a invenção de si mesmo é compelida a assumir a experiência da estética esquizopolítica. A esquizopolítica implica toda e qualquer possibilidade de fuga dos modelos dado que a afirmação do desejo é metamodelar, não possui modelo. Sendo assim, o sujeito na estética esquizopolítica encontra-se sempre no picadeiro do imprevisto, na orla da inventividade, na franja delirante do que está além dos simulacros e das padronizações.

Sob o umbral da longa duração da razão na história ocidental seus indivíduos foram compelidos a registrar entre o jogo das causas e dos efeitos a linearidade explicativa não apenas da *res naturae*, porém, de um conjunto complexo de atividades com as quais o seu incansável *homo rationalis* pudesse fazer a arqueologia de suas certezas. Ora, a sociedade capitalista contemporânea não se consolidaria sem a equação de múltiplas certezas apropriadas como verdades indecomponíveis, até se tornar um sistema de significação dominante. Seu ponto culminante se dá no arranjo de todo *esteticídio* contrário a afirmação possível da esquizopolítica. Para tanto, do ponto de vista racional, basta perguntar: mas como? Quais os caminhos e as formas de uma invenção de si mesmo? Como conciliar microrrevoluções com o trabalho, com a ordem das coisas? Armadilhas próprias dos fetiches da razão conectados a imanência das causas e dos efeitos da máquina capitalista. E de armadilha em armadilha, “aceitamos tudo isso porque partimos do pressuposto de que esta é ‘a’ ordem do mundo, ordem que não pode ser tocada sem que se comprometa a própria ideia de vida social organizada.” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 51)

A proposta de uma estética esquizopolítica vai ao encontro do que Guattari (2016) denominou de dobras autopoieticas. Sobre as camadas estruturantes do jogo

social preordenado; sobre os serialismos semióticos a prefigurar a experiência estética de homogeneização dos sentidos, dos sentimentos, dos afetos, das percepções; sobre o maciço da máquina capitalista dos arranjos de como se “fabrica a relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro – em suma [com] a relação do homem com o mundo e consigo mesmo” (GUATTARI; ROLNIK, p. 51); sobre tudo isto é preciso fazer a dobra do delírio, e ainda a dobra do desejo: sem protocolo, sem definições nem significados preconcebidos. A dobra autopoietica é a invenção da invenção de si mesmo, lugar pleno de uma estética esquizopolítica, pois sabe-se vagar de microrrevolução em microrrevolução.

Se sob a cultura capitalista as experiências estéticas são frutos reduzidos da consumação obrigatória das máquinas produtoras de dispositivos técnico-semióticos, replicantes de simulacros, a estética esquizopolítica é uma experiência ao mesmo tempo aberta e potente, visando produzir zonas de colapso na homogeneidade estética, sempre a serviço da sujeição semiótica capitalista. Se é demasiada a pretensão de fazer dobrar todo este sistema, no mínimo, com as dobras autopoieticas alguma coisa é possível de ser produzida em favor de outra percepção e de outro sentir, sem perder de vista que “para mudar de percepção e de maneira de sentir, é preciso mudar a maneira de agir, em última instância, quer dizer, mudar a maneira de viver.” (LAZZARATO, 2014a, p. 206)

### **Considerações finais: acelerar a estética esquizopolítica**

Após a trajetória desenvolvida ao longo deste texto, pode-se ponderar que na máquina capitalista as sínteses político-culturais das estetizações da existência surgem sob uma homogeneidade produtiva. As experiências subjetivas que são daí extraídas fazem o jogo duplo dos *inputs* e dos *outputs* semióticos de modelagem de suas potências perceptivas e sensitivas. A máquina capitalista descodifica percepção e sensação singulares pelo fato de deslocar toda e qualquer capacidade subjetiva de poder sentir, perceber, gostar, afetar e ser afetado de modo inventivo, idiossincrático e único, lançando os sujeitos em conexões predeterminadas de suas máquinas técnico-semióticas. A estética capitalista, portanto, é uma usinagem de subjetividade tanto de sujeição social quanto de servidão maquínica.

A proposta da estética esquizopolítica é uma aposta na inflexão do curso da trajetória operativa da máquina capitalista. Por seu intermédio, as experiências de

subjetividades podem alçar direção e propósito diferentes em seu terreno existencial, já que partem da afirmação da produção do desejo para operar dobras autopoieticas onde a máquina capitalista pretende tudo alisar, ou seja, homogeneizar, serializar, padronizar, impedir dobras contestatórias como outro modo de existir, de sentir, de perceber, de inventar a si mesmo fora dos limites da vulgaridade estética.

Em *A filosofia é essencial à existência humana*, Guattari faz um cortante diagnóstico que, certamente à luz das condições sócio-históricas da contemporaneidade, apenas se aprofunda:

Os indivíduos e as coletividades humanas estão engajados em um curso tal de desastre, em uma perda de toda capacidade de se afirmar em territórios existenciais, que é a partir de um movimento de fuga, de retomada de si mesmo, de fazer outro processo, que se pode encontrar algo que não seja uma identidade, que não seja a adequação aos universais que, ao longo de nossas trajetórias, de nossos movimentos, acabamos por cair e sermos apanhados. (GUATTARI, 2002, p. 20)

A invenção de si mesmo é o fluxo próprio da esquizopolítica, justamente porque ela pode abrir sendas de fuga e de afirmação de territórios existenciais ainda não descodificados pela máquina capitalista. Mas os desastres das armadilhas das identidades e dos universais estão postos e, por outro lado, precisam ser cada vez mais denunciados e desarmados. Inventar a si mesmo, neste horizonte, “exatamente como o artista cria, produz um mundo que lhe é específico” (GUATTARI, 2002, p. 21), implica colocar em ação a fúria dos sentidos, na expressão de Bataille (2003), contra a fúria da homogeneidade modelar subjetiva.

É por uma polivocidade e uma heterogeneidade estética que a esquizopolítica luta. Acelerar tais processos é singularizar-se cada vez mais, quer dizer, implodir qualquer hierarquia ontológica interposta entre nós, para acessar a singularidade dos desvios, das diferenças, das pretensas estranhezas, do que se escapa ao jogo redutor das palavras e de suas definições. Por isto mesmo, eis o sentido da luta: há toda uma invenção de si a ser produzida contra as intolerâncias e a legião de fascismos que grassam atualmente. A afirmação dos processos de singularização, assim, é minimante, uma bomba de efeito moral destinada a tudo que julga pela aparência negociável, pelo comportamento reduplicado, pelas opções sexuais biunivocizantes – como se o prazer tivesse gênero –, pelo poder aquisitivo alienante, pelas consonâncias dos gostos, pelos moldes do “papel ilógico do rosto, que nos torna suscetíveis de ser tocados como cão sarnento só por causa de alguns milímetros de saliência desnecessária” (ABE, 2015, p. 63).

Que não existam planos traçados e estratégias consolidadas, para tanto, é próprio da inventividade da estética esquizopolítica. Apesar disto, e justamente por deflagrar novas experiências com o sentir e com o perceber, dimensões próprias da ação humana, a proposta situa os seus sujeitos em

[...] implicações ético-políticas porque quem fala em criação, fala em responsabilidade da instância criadora em relação à coisa criada, em inflexão de estado de coisas, em bifurcação para além de esquemas pré-estabelecidos e aqui, mais uma vez, em consideração do destino da alteridade de suas modalidades extremas. (GUATTARI, 2000, p. 136)

## REFERÊNCIAS

- ABE, K. *O rosto de um outro*. São Paulo: CosacNaify, 2015.
- BATAILLE, G. *História do olho*. São Paulo: CosacNaify, 2003.
- BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, È. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

- CARVALHO, A. F. de; LEITE, C. D. P. Heterogênesse criativa: o que podem as imagens nas didáticas contemporâneas? In: *Revista Educação e Filosofia*, v. 31, p. 01-16, 2017.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-édipo*. Capitalismo e Esquizofrenia 1. São Paulo: Editora 34, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Capitalisme et Schizophrenie*. In: *Mille Plateaux*. Paris: Les Éditions des Minuit, 1980. Tome 2.
- DICKINSON, E. *Não sou ninguém*. Poemas. Campinas: Editora Unicamp, 2008
- GUATTARI, F. As creches e a iniciação. In: *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. Tradução de Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985a, p. 50-55.
- \_\_\_\_\_. O capital como integral das formações de poder. In: *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. Tradução de Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985b, p. 191-210.
- \_\_\_\_\_. *Caosmose*. Um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 2000.
- \_\_\_\_\_. *La philosophie est essentielle à l'existence humaine*. Paris: L'Aube, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Psicanálise e transversalidade*. Aparecida: Ideias e Letras, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Lignes de fuite: pour un autre monde de possibles*. La Tours d'Aigues: L'aube, 2011.
- \_\_\_\_\_. *As três ecologias*. 21 ed. Campinas: Papyrus, 2015
- \_\_\_\_\_. *Confrontações*. São Paulo: N-1, 2016.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolíticas: cartografias do desejo*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- GOETHE, J. W. Von. *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- LAZZARATO, M. *O governo das desigualdades: crítica da insegurança neoliberal*. São Carlos: EDUFSCAR, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Gouverner par la dette*. Paris: Les Prairies Ordinaires, 2014a.
- \_\_\_\_\_. *Signos, Máquinas, Subjetividades*. São Paulo: Edições SESC, N-1, 2014 b.
- LUCÁKS, G. Posfácio. Goethe und seine Zeit. In: GOETHE, J. W. von. *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 581-601.
- PIKETTY, T. *O capital no século XXI*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014
- SENNETT, R. *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2011.
- SLOTERDIJK, P. *Regras para o parque humano*. Uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

STENGERS, I. *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*. São Paulo: CosacNaify, 2015.